



***Sem rádio e sem notícia das terras civilizadas*<sup>1</sup>**  
**Aos 121 do lançamento, “Os Sertões” permanece obra seminal da Literatura Brasileira**

*Por: Aurora Almeida de Miranda Leão*<sup>2</sup>

No primeiro dia de dezembro deste findante 2023, a obra-prima de Euclides da Cunha, “Os sertões”, completa 121 anos. São, portanto, mais de século dizendo sobre o país e provocando reflexões sobre este imenso, complexo e conturbado território, ainda cheio de contrastes e disparidades sociais gritantes.

Lançado em 1902 e tendo sua primeira edição esgotada em 80 dias – feito raro para a época -, o livro tornou o nome de Euclides da Cunha conhecido da noite para o dia. Sobre a obra, considerada a “Bíblia da Nacionalidade”, assim escreveu o jornalista e escritor sergipano Paulo Dantas (2003):

O livro gibão-de-couro, espécie de evangelho nacional, a nossa maior obra de sociologia e história, de geografia e estilística, com a qual, mais cedo ou mais tarde, todo brasileiro medianamente alfabetizado, terá de travar conhecimento, se não no seu todo, pelo menos em parte, através de trechos antológicos” (DANTAS, 2003, p. 12).

Naquele dia primeiro de dezembro, as vitrines das principais livrarias cariocas, exibiam a venda de um novo livro: o autor era um desconhecido do meio literário, do público, da imprensa. A obra do estreante contava 637 páginas incluindo mapas, desenhos e fotografias originais, edição da Laemmert & Cia, editores sediados na rua do Ouvidor, com filial em São Paulo.

“Os Sertões” teve tiragem inicial de 1000 exemplares, custeada pelo próprio autor, que empregou um salário e meio na empreitada, quase indo à falência por

---

<sup>1</sup> Título inspirado em versos da canção “Riacho do navio”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, gravada pela primeira vez em 1956.

<sup>2</sup> Jornalista, doutoranda de Comunicação da UFJF. Bolsista CAPES. Editora do blog Aurora de Cinem. E-mail:auroraleao@hotmail.com



tamanho empreendimento. Nada foi vendido nos primeiros dias e o editor chegou a enviar carta a Euclides declarando-se arrependido de o ter editado. Até que uma crítica positiva provoca uma reviravolta e “Os Sertões” começa a ser procurado, vendido, lido, comentado, elogiado e, em poucos meses, a primeira edição esgotou. O país tomava conhecimento da obra singular e os pedidos causavam alvoroço nas livrarias do Rio de Janeiro, não tardando a sair a segunda edição, cinco meses após o esgotamento da primeira. Euclides da Cunha torna-se um fenômeno literário.

A apreciação inaugural sobre a obra euclidiana, assinada pelo historiador e respeitado crítico literário José Veríssimo, membro da Academia Brasileira de Letras, alavancou intensa repercussão nacional. A crítica, consagrada, foi publicada 2 dias após o lançamento, portanto em 3 de dezembro de 1902, atraindo para Euclides todas as atenções do público e das elites pensantes. Ano seguinte, o escritor é convidado a ser imortal da Academia Brasileira de Letras e do Instituto História e Geográfico do Rio de Janeiro.

Para o professor, advogado, escritor e jornalista Adelino Brandão (1926-2004), “A linguagem do livro possui força artística tão original e superior que “Os Sertões” ficou conhecido como a ‘Bíblia da nacionalidade’, obra-prima da épica em prosa, na língua portuguesa, em todos os tempos. Não à toa, seria dito mais tarde: Euclides da Cunha ficou para nós como Homero para os gregos, Dante para os italianos, Cervantes para os espanhóis, Shakespeare para os ingleses, Sarmiento para os argentinos, Goethe para os alemães” (BRANDÃO, 2017)<sup>3</sup>.

## A tríade euclidiana

“Os Sertões” é constituído de três capítulos, formando a tríade A Terra, O Homem, A Luta. A organização é primorosa, facilitadora de seu entendimento: cada um deles é dividido em tópicos, cujos títulos funcionam a resumir seu conteúdo, sendo, portanto, chave decodificadora a conduzir o leitor por prosa agradável e instigante.

---

<sup>3</sup> Publicado como Introdução na edição de “Os Sertões” da editora Martin Claret em 2017.



No primeiro, o leitor vai sendo conduzido pelo viajante que sai de São Paulo, em setembro de 1897, para chegar ao interior da Bahia e narrar uma guerra. A travessia é descrita de modo tão minucioso e poético que a adesão acontece sem dificuldade. Após atravessar o vasto e ignoto território nacional, a aguçada sensibilidade do escritor dedica-se a falar sobre os masculinos encontrados ao longo da estoica caminhada, enumerando tipos como o pescador, o sertanejo, o jagunço, os beatos, os romeiros, etc. No capítulo final, Euclides apresenta um meticuloso rosário de tudo quanto percebeu em seus conturbados dias no sertão baiano: coloca o leitor no epicentro da luta, o arraial de Belo Monte, cenário do hediondo massacre que vitimou os seguidores do beato cearense Antônio Conselheiro. O relato é de uma soberania estrondosa, semelhante joia filigranada em delicados filetes de prata e ouro.

Valendo-se de habilidades militares e até científicas, o autor discorre sobre fauna, flora, relevo e diversos outros aspectos do rincão sertanejo, fazendo uma pujante radiografia da seca afligida da região. Na parte central, examina as adversidades vividas pelas gentes do sertão, sendo o trecho visto como estudo antropológico e sociológico:

Amadurecido o espírito, tomando-se gosto pelo estilo mágico e poderoso, transfigurado e sustentado de Euclides, acostumando-se ao seu tom, à sua medida e atmosfera, a fascinação geral do livro vem, a galope, num tropel, num arrastão ou numa disparada” (DANTAS, 2003, P. 14).

Ousamos dizer que a pecha de difícil e hermético prescrita ao livro não condiz com a satisfação de adentrar pelos becos, vielas e paisagens do cenário agreste descritos pelo escritor com precisão de ourives. Que imenso prazer mergulhar no “consórcio de arte e ciência” euclidiano e ir conhecendo, pouco a pouco, pedaços do país até então recônditos. Ser levada ao dicionário várias vezes para entender melhor o vocabulário é exercício auspicioso e estimulante, o qual só nos faz, ainda mais, admirar a qualidade do notável autor fluminense.

Discordo e desconecto veementemente daqueles que afirmam ser cansativa e penosa a leitura da obra-prima de Euclides da Cunha (1866-1909). Ademais, lamentamos a naturalização dessa ideia incongruente, motivo para afastar gentes

tantas e muitos estudantes de práxis a qual deveriam ler e tentar compreender para melhor entender a história do país e conhecer seu passado, pois somente assim será possível superá-lo e não o repetir. A nós, ressoa como privilegiado ensejo literário, oxigenação amorosa pelo Brasil e abundante vontade de descortinar os recônditos deste país por ele tão amado.

“As travessias sertanejas de Euclides puseram abaixo o que estava preconizado nos artigos da *Vendeia*: a crueza dos fatos e da realidade desmentem o que Euclides pensava sobre Canudos... Os Sertões, a República e Canudos não eram o que julgávamos”, afirma o acadêmico e pesquisador José Leonardo do Nascimento (2015), complementando: “Aqui se revela a essência do novo olhar euclidiano sobre a história brasileira: a luta sertaneja teve um conteúdo epistêmico: ela revelou o Brasil”<sup>4</sup>.

Destarte, adentramos o terceiro milênio confirmando o Sertão como lugar central, perene no imaginário e na produção de sentidos da brasilidade. Ainda mais potente que a simbologia dos fins do século XIX - o estranho, o longe, o indesejável, continuum por todo o XX -, o Sertão virou metonímia de Canudos, que aduz os invisibilizados, os excluídos, os ‘indesejáveis’ das aristocracias, traz a Favela e assegura seu lugar na vida cotidiana do campo e da cidade, do urbano e do rural, dos confins de todo o país. Logo, Canudos tem atualização incessante, vívida, permanente. Canudos virou simbologia recorrente: é ressignificado, reconfigurado, está presente na vida nacional, entranhado na História, mais corriqueiro hoje do que quando se deu a conhecer pelas notícias desencontradas, pouco críveis e mal apuradas da mídia de fins de 1800...

Euclides também foi induzido a crer na fantasia jornalística da conspiração contra a República, e não é de somenos valia lembrar que estamos tratando do final do século XIX, tempo no qual a informação levava rios e voltas no relógio para se fazer ecoar. A mídia corrente era a desinformação ou informação imprecisa, pouco apurada, cheia de ruídos. Foi preciso Machado de Assis (1839-1908) começar a duvidar das notícias publicadas como verdade, sem fundamentação teórica nem apuração precisa - dando conta da existência de uma horda invencível nos sertões

---

<sup>4</sup> Ver palestra do emérito pesquisador e ensaísta no site da Academia Brasileira de Letras. Disponível em Ver em <https://www.youtube.com/watch?v=NOSxJxqqnDE>. Acesso em 29 nov 2023.

da Bahia -, para externar suas dúvidas quanto ao suposto complô, e sugerir ao amigo a ida a Canudos para tentar entender o que realmente estava a acontecer. Fruto da concordância com a percepção machadiana, o engenheiro/poeta/militar/jornalista e escritor Euclides da Cunha (1866-1909) escreve dois artigos para o então jornal “A província” (hoje Estado de São Paulo), intitulados “A nossa Vendeia”<sup>5</sup>.

Dada a repercussão dos textos, logo em seguida, Júlio de Mesquita, dono do periódico, convida Euclides para ir a Canudos cobrir a guerra “dos sertanejos rebeldes que não aceitavam a República”, como pensava a maioria, incluindo-se aí o próprio convocado. A imprensa acreditava haver uma conspiração monarquista para derrubar o governo recém-nascido, e é munido da ideia de perigo rondando a República que Euclides parte para o sertão nordestino. Os habitantes de Canudos seriam contrarrevolucionários desejosos de exterminar o novo regime e seus defensores, a qual seria, juntamente com o final da escravização, o primeiro passo efetivo no resgate do atraso brasileiro e no rumo da entrada do país no concerto das nações civilizadas (GALVÃO, 2009, p.33).

O escritor fluminense junta-se então ao grupo de correspondentes responsável por informar sobre aquela gente “truculenta”, *sem rádio e sem notícia das terras civilizadas*, desejosa de derrubar a República. E parte, mesmo sabendo que muitos seriam os percalços ao longo da viagem, certo de que ali encontraria uma conjuração contra a autoridade constituída, a qual os militares dariam fim e ele seria testemunha ocular da vitória auspiciosa contra os insanos rebeldes.

Com a publicação de “Os sertões”, a inventada conspiração monarquista internacional “esfumara-se no ar”. Sobreveio o “massacre indiscriminado da gente pobre”. Os mesmos que defendiam o extermínio do povo canudense começam a falar, emocionados, em crime. Os estudantes, defensores vigorosos da República, passam a protestar indignados: “As forças armadas se viram cobertas de opróbio. O arraial de Canudos fora arrasado, depois de empapado em querosene, a que foi

---

<sup>5</sup> Contrarrevolução católica oriunda da aliança entre nobres e camponeses que durante anos fustigaram a Revolução Francesa por dentro, enquanto as monarquias europeias atacavam de fora. (GALVÃO, 2009, p31).



ateado fogo com bombas de dinamite. Resistiria até o último homem tombar morto.” (Galvão, 2009, p33).

Estudos e pesquisas várias assinalam: até a publicação de “Os Sertões”, o território sertanejo era ilustre ignorado, como escreve Euclides em sua obra seminal: “... demos de frente, numa volta do sertão, com aqueles desconhecidos singulares, que ali estão – abandonados – há três séculos”, nascendo daí sua mais célebre frase, “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2017, p 133).

Partindo de São Paulo em 1897 – imaginem-se as precárias condições encontradas pelas estradas que ligavam o país de Sul a Norte (as outras regiões não tinham as denominações de hoje) -, o escritor descreve essas paragens com maestria no primeiro capítulo do livro, A Terra - de pujança capaz de arrebatá qualquer leitor -, com o qual encantei-me de cara pelo refinamento das letras, a descrição poética e minuciosa da ambiência, e a percepção aprofundada da flora e das características do solo nacional:

O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar através de um prisma desmedido e intáctil, e não distinguia a base das montanhas, como que suspensas. Então, ao norte da *Canabrava*, numa enorme expansão dos plainos perturbados, **via-se um ondular estonteador; estranho palpitar de vagas longínquas; a ilusão maravilhosa de um seio de mar, largo, irisado**, sobre que caísse, e refrangesse, e ressaltasse a luz esparsa em cintilações ofuscantes...” (CUNHA, 2017, p. 63, grifo nosso).

O livro foi publicado quando já eram passados cinco anos do conflito, revelando ‘Canudos como sintoma de algo bastante grave. Era o país, a cuja história Canudos de chofre se incorporara, que carecia de explicação’ (LIMA, 1997, p24). E embora seja o capítulo 3 – “A Luta” – que é, preferencialmente, levado ao cinema e ao teatro, cabe lembrar:

Se estivesse limitado à terceira parte, “A luta”, não caberia n’O sertões” a preocupação quanto ao país, em seu momento presente ou futuro. Pois essa preocupação não é uma mera decorrência de sua indignação moral. Quaisquer que sejam as reservas quanto à sua interpretação, é inegável que Euclides foi o escritor que mais se empenhou em tentar compreender o país, não se deixando por isso enredar por vantagens e compromissos (LIMA, 1997, p. 32).

Euclides da Cunha ficou 23 dias em Salvador esperando autorização do Exército para tomar o rumo de Canudos, entrando no arraial do Belo Monte em 10 de setembro, de lá retornando, doente, em 3 de outubro de 1897, dois dias antes do massacre final dos sertanejos. Ele acompanhou presencialmente apenas a ida da 4ª Expedição, o bastante para que escrevesse a obra fundamental que explica, narra, conta, dissecava e radiografa o Brasil.

Lançado em 01 de dezembro de 1902 (em edição custeada pelo próprio autor), “Os Sertões” é considerado *Monumento Brasileiro da Literatura Mundial* (conforme afirmação do crítico literário José Veríssimo): livro lido, relido, editado, reeditado, transcrito, atualizado vezes sem conta, ressignificado e nunca findando em dizer mais, melhor e mais intenso, por outros ângulos e novas perspectivas sobre o Brasil.

Ao analisar a resistência dos jagunços diante das condições físicas e geográficas, escreveu que o “homem do sertão tem, como é de prever, uma capacidade de resistência prodigiosa e uma organização potente que impressiona”. “Não o vi ainda exausto pela luta, conheço-o já, porém, agora, em plena exuberância da vida. Difficilmente se encontra um specimen igual de robustez soberana e energia indomita.” Em Canudos, Euclides pôde confirmar os relatos recolhidos em Salvador. Viu a resistência do sertanejo ao cerco do Exército e a intensos bombardeios. Nas últimas correspondências, em vários momentos, viu o fim da guerra depois do silêncio que seguia o ataque da artilharia. Mas quando os pelotões avançavam, dos destroços partiam tiros que derrubavam os soldados. “Sejamos justos - há alguma coisa de grande e solenne nessa coragem estoica dos nossos rudes patrícios (...) a conquista real consistirá no incorporá-los (...) á nossa existência política”, concluiu<sup>6</sup>.

Nessa trilha, “Os Sertões” é caso raro a exemplificar a afirmação do jornalista e escritor cubano Italo Calvino (1923-1985), expressão fidedigna de obra-prima: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 2009).

---

<sup>6</sup> Trecho da matéria de Carlos Eduardo Entini, publicada no jornal O Estado de São Paulo em 2019. Disponível em <https://infograficos.estadao.com.br/especiais/euclides/>. Acesso em 30 nov 2023.



**Figura 1** - foto de Flávio de Barros, único que fotografou a guerra de Canudos.



Fonte: quadro criada pela autora com foto de Flávio de Barros.

Ademais, a obra responsável por tirar o Sertão de sua zona de invisibilidade, na qual permaneceu por 300 anos, é uma narrativa sem personagem, inovando, também nesse aspecto, pela forma como desvela o drama vivido no Nordeste Brasileiro no entardecer do século XIX. Nenhuma outra guerra no Brasil – e tivemos inúmeras (Contestado, PR-SC), Carajás (PA,1996), Mascates (1710-1711, PE), Emboabas (1708-1709, MG), Farrapos ou Farroupilha (1835-1845,RS), Confederação do Equador (1824,PE-CE), Balaiada (1838-1841, MA), Sabinada (1837-1838, BA) e Batalha do Jenipapo (1823, PI), para citar apenas algumas - tem a dimensão histórica de Canudos. E a razão a explicar isso é simples: nenhuma outra luta, disputa, reivindicação ou revolta popular ganhou a pena do escritor nascido na Fazenda da Saudade, no município de Cantagalo (RJ), em 20 de janeiro de 1866.

Nenhuma outra contenda legítima da população no Brasil contou com um escritor da envergadura de Euclides da Cunha - narrador predestinado, homem de letras e de sensibilidade acurada -, descrevendo o martírio da truculência vivida nos confins do sertão baiano como quem é tomado por um carrossel de sentimentos díspares, com dons de grande escriba, poeta incontornável, ensaísta, profundo conhecedor de engenharia, geografia, morfologia, Ciência enfim.

No livro de Euclides, os personagens são os próprios agentes naturais, como afirma a precisão da análise de Nicolau Sevcenko (1989), e ratifica a assertiva da ensaísta e crítica literária Walnice Nogueira Galvão (2009): “O discurso de Euclides é o de um tribuno defendendo uma causa e acusando um réu” (GALVÃO, 2009, p 16).

“Os Sertões” é um livro de significação multidisciplinar, pródiga em propugnar influências nas mais diversas direções.

Muito mais do que informar, Euclides procura trazer uma leitura completa de compreensão de realidade, trazendo as múltiplas causas e a atenção principal na figura humana. Os Sertões faz com que o leitor compreenda de forma integral aquele acontecimento, em suas diferentes dimensões. (PEREIRA LIMA, 2021)<sup>7</sup>.

A obra-prima de Euclides da Cunha (1866-1909) coleciona releituras, estudos, pesquisas, documentários, filmes, músicas, peças de teatro, cordel, poemas, crônicas, reportagens e o que mais se pensar, sempre revisitada numa perspectiva inédita e, ainda quando ela não é citada nem foi adaptada, lá estão - no subtexto, nas entrelinhas, na *aura* (BENJAMIN, 1986; MAFFESOLI, 2020) – sua ascendência incontestada e irrefutável. Assim é, por exemplo, com “Grande sertão, Veredas” (Guimarães Rosa, 1956); com “O Quinze” (1930) de Rachel de Queiroz; com “Tropicália” (Caetano Veloso), a música-símbolo do movimento tropicalista; com a canção “Sobradinho” (Sá e Guarabyra, 1977), e também com a novela “Mar do sertão” (TV Globo, 2022).

A obra euclidiana é também o alicerce fecundo no qual se ancora a diegese da supersérie “Onde nascem os fortes” (TV Globo, 2018), de George Moura e Sérgio Goldenberg - pequena joia da Teledramaturgia Brasileira, hoje encravada nos arquivos da plataforma de streaming Globoplay como ‘novela’ -, objeto de nossa pesquisa de doutoramento em Comunicação, a ser concluída no primeiro semestre do ano vindouro.

“Os Sertões” deram início a construção de um universo no interior da cultura em língua portuguesa, que é o sertão: um universo linguístico, cultural,

---

<sup>7</sup> Ver afirmação do professor Pereira Lima na matéria “Euclides: Os Sertões é marco do jornalismo”. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-01/euclides-os-serto-es-marco-do-jornalismo>. Acesso em 30 nov 2023.

secularmente construído e permanentemente reconstruído na história da sociedade brasileira, construído pela engenhosa arte de trabalhos literários, musicais, cinematográficos, pictóricos, teatrais, fotográficos, ilustrações de livros como a Djanira, e construído também por trabalhos literários como Grande Sertão, indica o acadêmico Cícero Sandroni (2015), indo mais além quando afirma: “Euclides é o grande inventor do Brasil!”

A modernidade de *Os Sertões*, a tantos títulos nada moderno, nasce de seu ângulo distorcido. Temos aí um épico que também é trágico, um livro cientificista que se realiza como obra de arte literária, um esquema determinista que mimetiza a Bíblia, um Apocalipse com Gênesis porém sem redenção, uma demanda em que o herói é o autor, um diálogo escrito pelo simposiarca de convivas ausentes, um canto do bode entoadado pelo verdugo. [...] Esse livro dá conta, por meio de examinar o seu avesso, do início do processo de modernização do país, ao qual é contemporâneo e do qual examina a face não eufórica. (GALVÃO, 2009, p.45).

Para o professor Jean Pierre Chauvin, da USP, “Não se pode negar o fato de que estamos diante de uma obra monumental, tanto do ponto de vista estético quanto do ponto de vista histórico. A obra nos auxilia a compreender o caráter conciliatório e o discurso ambivalente de nossos governantes, desde tempos imemoriais” (2009, p. 21 e 22)<sup>8</sup>. Já o jornalista, escritor e professor da PUC-RS, Juremir Machado da Silva (2022)<sup>9</sup> assim analisa o legado euclidiano Silva:

Foi em 1902 que Euclides da Cunha lançou “Os sertões”, livro magistral sobre a saga de Canudos de Antônio Conselheiro. Não seria descabido chamar esse livro de bisavô do romance de não ficção ou de avô do que os americanos chamariam de “novo jornalismo”. Euclides da Cunha produziu o primeiro romance-reportagem brasileiro como obra-prima.(SILVA, 2022).

Com sua obra fundamental, de linha de raciocínio determinista (própria da época), pelo qual o homem é produto do meio, Euclides da Cunha (1866-1909) inspirou e abriu fendas para o surgimento de escritores, como José Américo de

<sup>8</sup> Citação extraído da edição de “Os Sertões” da editora Martin Claret, de 2009.

<sup>9</sup> Ver crônica “Os sertões, um clássico de 120 anos”. Disponível em <https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/colunistas-matinal/juremir-machado/juremir-os-sertoos-um-classico-de-120-anos/.Acesso> em 30 nov 2023.



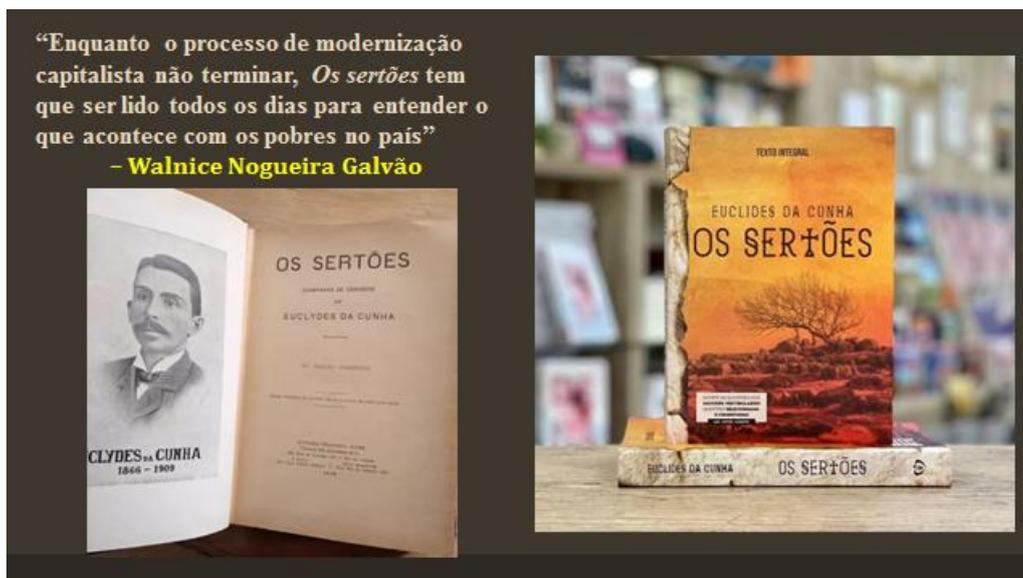
Almeida, José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e tantos mais, que fizeram da região nordestina a fonte principal de suas obras, seguindo-se outros tantos, das mais distintas regiões, que fizeram/fazem da questão climática e do problema da terra o cerne de suas narrativas. Com o passar das épocas, engravou-se no imaginário (SILVA, 2012) nacional uma dialogia (BAKHTIN, 2010) Nordeste & Sertão, fazendo crer que todo Sertão é Nordeste e vice-versa, porém, essa longa estrada ladrilhada está de ideias, sentimentos, ações e movimentos políticos, na qual pontificam literatos, artistas, dramaturgos, cineastas, cantadores populares, cordelistas, músicos e artesãos de várias vertentes culturais e artísticas.

Para finalizar, tomo de empréstimo as judiciosas palavras do pesquisador Roberto de Oliveira (2002):

A angústia com sua vida e seu país tomavam conta da mente do escritor, e o homem só via tristeza nas situações que o cercavam. O casamento infeliz, a insatisfação com a profissão e as constantes dificuldades financeiras que, não poucas vezes, o forçavam a trabalhar a contragosto, tornavam para ele a vida um grande martírio. O sertão, o interior, o coração das terras — onde há calma, repouso e paz para o espírito — surgia à sua imaginação como a única possibilidade de felicidade e superação da condição de simples mortal. A nação que não era agravada em sua consciência de ex-mosqueteiro, o sentimento de derrota — que não foi só seu, diga-se de passagem, foi de toda uma geração. Mas ele, muito mais que qualquer outro, exilado na solidão de si mesmo, não teve outra saída senão sonhar com uma salvação, individual e, por vezes, coletiva, a esperá-lo lá onde o Brasil é profundo, nalguma vereda deste grande sertão”.(OLIVEIRA, 2002).



Figura 2 - imagens com edições diferentes de “Os Sertões”.



Fonte: quadro criadora pela autora com fotos disponíveis na web.

Um livro intrigante, instigante, inquietante, vibrante, diante do qual a palavra neutralidade inexistente ou, diante do qual a indiferença sucumbe, bestial, ineficaz e incongruente. Simplesmente porque, ao radiografar o Brasil, por ele batizado de Profundo, desértico, desmedido, multifário e desconhecido, “Os Sertões”(1902) sugere um olhar desvelador para si mesmo e para o país, como a se enxergar do alto de um mirante, revelando um lugar que é Tanto/TÃO que, ao ser reduzido a um só, perderia sua essência e magnitude, negando sua vitalidade intrínseca. Como se, de posse de sua poética ou do âmago de sua diegese, a todo instante se dissesse, qual Drummond, “Vai ao Sertão... Mira, segue, vai, avança, adentra, olha ao longe, vê ao redor, no perto, no íntimo, no longe, no estranho, no desconhecido, *alredor*:

“Ser Tão, Tão Ser, Ser Tanto se ainda muitos, múltiplo  
Complexo, denso, magnânimo, nunca único  
Ser um Tão; Ser Tão Favela, Terra, Mar e Ar: SERTÃO”.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4a.ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: editora Martin Claret, 2017.

\_\_\_\_\_. **Canudos, diário de uma expedição**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

LIMA, Luiz Costa. **Terra ignota: a construção de Os sertões**. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 1997.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclidiana** – ensaios sobre Euclides da Cunha. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Roberto de. Euclides da Cunha, *Os Sertões* e a invenção de um Brasil profundo. São Paulo: **Revista Brasileira de História**, número 22, 2002. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000200012>. Acesso em 15 nov 2023.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 131.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário**. Rio Grande do sul: Editora Sulina, 3ª edição, 2012.